

Ressignificação Existencial do Pretérito e Longevidade Humana¹

Existential Meaning of the Past, and Human Longevity

Karina Pavão Patrício

Professora Doutora do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu.

Endereço: Distrito de Rubião Jr., s/n. Caixa Postal 549, CEP 18618-970, Botucatu, SP, Brasil.

E-mail: pavao@fmb.unesp.br

Katsumasa Hoshino

Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências da UNESP.

Endereço: Distrito de Rubião Jr., s/n. Caixa Postal 549, CEP 18618-970, Botucatu, SP, Brasil.

E-mail: hoshino@fc.unesp.br

Helena Ribeiro

Professora Titular do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Endereço: Av. Dr. Arnaldo 715, Cerqueira Cesar, CEP 01246-904, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: lena@usp.br

¹ Financiamento da FAPESP, Processo n. 03/13580-3.

Resumo

Existem, atualmente, mais de 300 hipóteses relativas à caracterização, função e mecanismos do envelhecimento, possivelmente devido ao aumento de idosos no mundo. Embora se avenge uma função social à velhice humana, as transformações da sociedade impuseram uma cultura de descarte, incluindo pessoas como os idosos. Tal exclusão, que se associa à tristeza, depressão e morte desse grupo, é contraditória ao aumento do tempo de vida dos idosos constatado atualmente. O presente trabalho tentou determinar os aspectos ambientais envolvidos na longevidade usando uma técnica de metodologia qualitativa denominada *grounded theory* (ou teoria fundamentada nos dados) em dados fornecidos por ex-ferroviários longevos. Constatou-se que as representações dos ex-ferroviários confluem para a categoria central: desolação pelo aniquilamento da vida e do ambiente, no presente, devido à continuada negligência do Estado e da Sociedade na promoção e preservação das coisas boas para a vida que havia no passado. Observou-se ainda que, paralelamente à hipervalorização genérica das coisas do passado, há constatação recente de que suas existências fizeram parte da epopeia que promoveu o desenvolvimento econômico e social do interior paulista e possibilitou uma resignificação existencial do passado, sugerindo ser um potente mecanismo de defesa que culmina em longevidade. Tal achado se insere na hipótese de que a função da longevidade seria a de preservar um contingente social com conhecimentos de um modo de vida que deu certo por ser socialmente vantajoso.

Palavras-chave: Longevidade; Significado existencial; Ferroviários; *Grounded theory*; Teorias do envelhecimento.

Abstract

Nowadays there are more than 300 hypotheses to explain ageing characteristics, function and mechanisms, possibly due to the large and increasing number of old people in the world. Though having a social function attributed to elders, transformations -- under way currently in society -- have imposed a *discard culture*, including old people. This is an authentic *exclusion* that is frequently associated with sadness, depression and death in its group, contradicting the *alleged* idea that older people increase life-time (as has been observed in recent years). This manuscript has the aim of determining environmental aspects involved with longevity; it thus uses “*grounded theory*”, a technique of qualitative research method, operating on data provided by elderly former railroad workers. It was observed that former railroad worker’s social representations convey to a central category: desolation from perceiving life and environmental annihilation due to continuous State and Society negligence to promote and preserve good things - that existed in the past. We can also observe that, in a parallel way, by hyper valorizing past things, they recognize their existence as part of an epic process that promoted the São Paulo state countryside economic and social development, with an existential meaning to the past, which suggests to be a strong defense mechanism that contributes to longevity. This finding can be included in the hypothesis that the function of longevity would be to preserve a social contingent with knowledge about a way of life that was successful because it was socially advantageous.

Keywords: Longevity; Existential Meaning; Railroad Workers; Grounded Theory; Theories of Ageing.

Introdução

Alguns autores consideram que o processo de envelhecimento ocorre em todos os seres vivos, entretanto, diversos fatos levam a supor que ele não é universal no reino animal (Cooper, 1994). Além disso, o envelhecimento não é um processo uniforme nos animais em que ele pode ser constatado, e existem propostas de classificação dos tipos de envelhecimento (ou senescência). O primeiro seria aquele com uma senescência muito rápida seguida de morte súbita, como a apresentada pelo salmão e por ratos marsupiais. O segundo tipo apresenta uma senescência gradual, com um tempo de vida definido, podendo variar de 2 a 100 anos, aproximadamente, que é o tipo que ocorre na maioria dos lagartos e cobras e no próprio homem. E, por último, a senescência considerada desprezível, ou seja, a de animais que apresentam um processo de envelhecimento muitíssimo lento, quase imperceptível, como é o caso de tartarugas e crocodilos (Cooper, 1994; Patnaik, 1994). Envelhecer é, portanto, uma etapa pela qual todos os indivíduos passarão após atingirem uma determinada idade. Embora seja um fenômeno natural e universal, o envelhecimento ainda não tem suas bases fisiológicas e seus papéis funcionais bem conhecidos. O que se sabe a respeito do processo de envelhecimento provém de estudos realizados nas últimas três décadas. Na última década, mais de 300 teorias (hipóteses) a respeito dos mecanismos responsáveis pelo envelhecimento foram propostas (Medvedev, 1990).

Os seres humanos são os únicos dentro do reino animal que possuem uma vida longa considerável após o período reprodutivo. Para as demais espécies animais, não é vantajoso manter um indivíduo “velho e improdutivo” na comunidade, pois aceleraria o esgotamento dos recursos do ambiente. Isso sugere que a maior duração da velhice humana tenha sido incorporada e preservada evolutivamente devido a uma função importante do ponto de vista adaptativo. Considerando um tempo máximo de vida de cerca de 100 anos, a mulher tem quase a metade de seu tempo de vida após a menopausa. Já as fêmeas de chimpanzés têm o tempo máximo de vida em torno de 50 anos, quando também cessa seu período reprodutivo. Lewis (1999) coloca que duas hipóteses têm sido propostas para explicar tais dados: 1) “parada precoce” e 2) “efeito da avó”. A primeira sugere que a menopausa seria

um processo adaptativo para garantir a extensão do período de cuidados humanos que a infância requer. No entanto, essa hipótese tem sido criticada, pois a menopausa na mulher não ocorre tão cedo, quando comparada com outros macacos, e também não explica por que o chimpanzé morre após cessar o período reprodutivo, sendo que algumas espécies também precisam desenvolver esses cuidados com sua prole. A segunda, “efeito da avó”, parte do princípio de que as avós ajudariam os seus netos ensinando técnicas de obtenção de alimentos (forrageamento). Hawkes (2004) afirma que realmente existe um efeito benéfico das avós sobre o sucesso reprodutivo de seus filhos e a sobrevivência dos netos, fato também constatado por Lahdenpera e colaboradores (2004) que, estudando as populações do Canadá e da Finlândia, concluíram que a assistência familiar promovida pelas avós é o determinante central da nossa longevidade, em função da constatação de que as mulheres que têm um período pós-reprodutivo maior possuem maior chance de terem mais netos e uma prole mais numerosa. Esses resultados apontam fortemente para a hipótese de que o aumento do período pós-reprodutivo na espécie humana é realmente adaptativo, como sugerido por outros autores (Hawkes e col., 1998; Hawkes e col., 1997).

A diversidade de hipóteses relativas à função da longevidade humana sugere decorrer da dificuldade de sua apreensão e validação. Essa dificuldade pode ser atribuída à inibição da expressão da função evolutivamente incorporada por mudanças marcantes nas condições ambientais. De fato, a civilização ocidental evoluiu baseada nos princípios do capitalismo, impondo a todos uma competição pelo lucro contínuo e acúmulo desmesurado do capital, cujo resultado foi a ocorrência de transformações cada vez mais rápidas, com produção cada vez maior e variada de produtos comercializáveis. A trilogia do produzir-vender/comprar-consumir tornou-se o eixo da sociedade, e as pessoas, como os idosos, que não estão em um dos pontos desse fluxo, são vistas como inúteis e, por extensão, excluídas, denominação eufemística ao processo de descarte social, tal como se faz com as coisas usadas, obsoletas ou que não nos dão mais prazer e se tornam lixo (Bursztyrn, 2000). Atrelado a tal lógica, as sociedades modernas produziram modos de existir e de viver baseados na valorização da mudança constante, da instantaneidade, da descartabilidade, da diversificação, do

planejamento e de ganhos a curto prazo, da mobilidade rápida (Coimbra, 2001), enquanto jogam-se fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego às coisas, porque tudo se torna obsoleto (Harvey, 1993). A substituição do ideal de construção do patrimônio familiar pela ideologia do projeto individual (Magalhães, 1987) transformou as famílias numerosas, onde o papel dos avós era funcional, em famílias nucleares com pais e poucos filhos ou mesmo apenas mãe e filho, com destituição do papel dos avós. Essas mudanças marcantes que ocorreram no palco da existência humana foram recentes e rápidas em relação à instalação evolutiva do papel dos idosos e configuram uma nova situação que, seguramente, não possibilita a expressão de tal função e, portanto, sua constatação.

O Brasil tem um grande contingente de idosos que sofre um processo de exclusão social marcante (Nunes, 2000; Nogueira, 2005). A constatação de que houve um aumento na expectativa do tempo de vida da população, apesar do processo de exclusão e de seus efeitos maléficis sobre os idosos, leva a pensar que o fator responsável seja o avanço nos serviços de saúde e a melhoria ao seu acesso. Patrício (1998), entretanto, obteve dados sugestivos de que esse fator, embora importante, não se mostra o único responsável pelo prolongamento maior do tempo de vida dos idosos. De fato, fatores como atividades sociais e atitudes pessoais removem ou reduzem a sensação de inutilidade, espoliação e falta de perspectivas deles e são reconhecidas como saudáveis para os idosos. O conhecimento dessas atividades e outros fatores que constituem processos de reversão e prevenção dos efeitos devastadores da exclusão são de importância fundamental para a eficácia de programas sociais devotados à melhoria da qualidade de vida dos idosos, tal como os desenvolvidos na universidade da terceira idade, relatados por Queiroz (1999).

O presente trabalho, em vista de tais fatos, objetiva relatar os dados obtidos em um estudo devotado à determinação dos fatores do meio ambiente promotores de longevidade, segundo a opinião dos próprios longevos, com o uso de uma metodologia de pesquisa qualitativa, denominada *grounded theory* (Glasser e Strauss, 1967; Strauss e Corbin, 1998). Em uma segunda instância, apontar e analisar o aspecto temporal subjacente nos depoimentos que se aglutinam nas categorias finais que emergem dos dados e que evidenciam as memórias e os significados existenciais a

elas atribuídas como mecanismos de defesa contra a exclusão do idoso e que esse mecanismo pode ser um dos fatores de longevidade.

Material e Métodos

O levantamento inicial feito para a constituição da amostra a ser estudada mostrou que os municípios com maior proporção de idosos no Estado de São Paulo eram aqueles de porte médio (100.000 a 300.000 hab.), onde a ferrovia havia desempenhado papel socioeconômico importante. Esse fato levou à escolha dos ex-ferroviários aposentados do município de Botucatu, que tinha 11,21% de sua população idosa (IBGE, 2000). Diante da inexistência de uma definição para longo, internacionalmente aceita, optou-se, nesta pesquisa, por considerar longevos todos aqueles indivíduos com idade superior ao último quartil da população acima de sessenta anos (idosa), como proposto por Patrício (1998). Esse critério permitiu definir como longevos os indivíduos com idade igual ou superior a 74,8 anos. Foram cadastrados 1.013 ex-ferroviários a partir de busca nos dados do Sindicato e da Associação dos Ferroviários Aposentados da Estrada de Ferro Sorocabana de Botucatu, dentre os quais 828 estavam vivos. Os critérios de inclusão foram: ser ex-ferroviário, do sexo masculino, estar em boas condições físicas e mentais para ser entrevistado, residir em Botucatu e ter idade igual ou superior a 74,8 anos, o que restringiu a amostra a 231 pessoas. Com a ajuda de “informantes-chave” (secretárias e diretores dessas entidades associativas) foram indicados ferroviários de diversas categorias ocupacionais no quadro de pessoal da ferrovia e que haviam desenvolvido trabalho considerado importante. Dessa forma, chegou-se a entrevistar 30 ex-ferroviários, seguindo o princípio da saturação preconizado pela metodologia qualitativa (Minayo, 1996; Strauss e Corbin, 1998). A média e o desvio-padrão da idade dos entrevistados foi de 82,9±4,3 anos, sendo 22 deles casados com mais de 50 anos de convívio e 6 viúvos.

As entrevistas foram realizadas com obediência a um roteiro semi-estruturado, aprovado por Comitê de Ética devido e com livre consentimento após esclarecimento ao entrevistado, tendo duas recusas.

O questionário continha 86 questões, subdivididas em nove partes, sendo elas objetivadas para a caracterização pessoal e familiar, histórico da vida

profissional e social, condições de saúde, características ambientais do passado e do presente, até a história do município e da ferrovia por ele vivida e os segredos da longevidade. Para a análise das entrevistas, que foram todas gravadas em fitas cassete e transcritas na íntegra, foi utilizada a técnica da *Grounded theory* ou teoria fundamentada nos dados (Glaser e Strauss, 1967). Essa técnica consiste na obtenção de dados coletados sistematicamente e analisados ao longo do processo da pesquisa. É um método de indução sistemática das informações coletadas e aglutinação dessas categorias em outras mais abrangentes, até se chegar às categorias centrais (ou eixos matriciais) que permitem construir um modelo teórico que dê coerência de significados a todos os dados coletados (Charmaz 1983; Glaser 1992; Strauss e Corbin, 1998). Seu uso é recente e, no Brasil, a sua descrição e o seu uso podem ser encontrados em alguns trabalhos, como Cassiani e colaboradores (1996), Bocchi (2001), Peluso (2001) e Patrício (2006). Dessa forma, após as transcrições, as falas foram recortadas e codificadas inicialmente em categorias. Utilizou-se diagramas, que são artifícios dessa metodologia que representam ações e interações entre as diversas categorias iniciais, reclassificando-as como elementos que se unem para formar subcategorias, as quais resultam em temas, que juntos emergem em fenômenos (ideia central dos dados que representa os conceitos), unindo-se em torno de uma categoria central que expressa um modelo teórico representativo que procura explicar essas vivências relatadas.

Resultados

A metodologia utilizada fez emergir três fenômenos que aglutinam de maneira coerente todos os depoimentos obtidos. O primeiro deles, *aniquilando a vida*, refere-se ao aniquilamento que os ex-ferroviários longevos percebem estar ocorrendo no ambiente natural, no espaço social da estrada de Ferro, que foi o palco de ação da maior parte de suas vidas, e de si próprios, com o envelhecimento. Esse fenômeno está patente em depoimentos, como:

Ah! Era bom, a natureza tinha outro aroma né? Era diferente, agora, você não vê cheirar flor de nada, aquele tempo quando florescia o cafezal, então, Nossa Senhora, ... hoje num tem mais nada, mais nada...

Quando nós viemos morar aí embaixo, o rio que passava no fundo do nosso quintal, você podia pegar um copo d'água e beber aquela água de limpa que era. Você enxergava o fundo do rio, pescava tudo, agora vê se pega um peixe. Pra lá, não tem mais nada, acabou tudo em nada...

É... Sorocabana foi, foi uma mãe... dá dó de vê aquilo lá tudo acabado, né? Nossa Senhora..."

Foi em 70... não, eu aposentei em 71, é acho que foi em 73, 74 por aí, (a ferrovia) foi caindo, caindo, caindo, acabou tudo...

Mas, mas na maioria já foi tudo embora. Então até o Governo fica preocupado em querer tirar essa complementação da gente, entendeu? Mas não precisa tirar! Eu estou com 88 anos, 85 anos, daqui a pouquinho, eu... 3, 4 anos aí, acabou né? E assim, e assim os demais, não é verdade? Então não precisa tirar nada de ninguém! Deixa aí!

Os depoimentos relativos aos aniquilamentos foram permeados por um sentimento de desolação, identificada pela emergência da categoria *despertando tristeza e saudade*, que nos depoimentos foi expressa como judiação, dó e no conformismo silencioso:

... Ah! Hoje (o ambiente natural) está feio, parece que está morrendo, é, parece que está tudo triste... Ah! Faz a pessoa ficar triste, aborrecida. É, esses sujeitos tudo aí, parecem que estão morrendo, num é verdade?

Ah! Sim, eu acho que é uma judiação o que estão fazendo (com a ferrovia), estão destruindo tudo, né?

É, o ferroviário naquela época era o Seu Fulano, hoje, agora, não é mais nada, né? Você vê como é que está acabando tudo né,?...

... acabou tudo, e a gente que viveu isso não acredita ...

O segundo eixo emergiu em função da necessidade de referencial para a constatação do aniquilamento. Assim, o segundo fenômeno, *gerando vida*, abarca os fatores promotores e preservadores de vida, e foi identificado a partir de temas como as influências do meio ambiente para a saúde, os fatores genéricos de longevidade para a população em geral e os fatores específicos da longevidade dos ferroviários, incluindo o próprio papel da Ferrovia. A construção desses temas foi baseada em depoimentos do tipo:

... por exemplo, se você tivesse a oportunidade, por exemplo, de ir num sítio, num lugar, numa água cristalina, que a água, água corrente, acho que tem possibilidade de você viver mais, acho que tem sim...

... porque quem morre primeiro são os mais gordos...

... e outra, fazer exercícios físicos também que é importante, né...

Quando era mocinho, 9 horas meu pai colocava a gente para dormir, nem esperava chegar para falar, senão dava surra (importância do sono).

... não fumar, nem beber, dormir cedo, não fazer besteira, difícil, né?

Era um dos empregos melhores que existiam naquela época, né...

... assim era na Sorocabana, naquele tempo a Sorocabana aqui no Estado de São Paulo era o rei do emprego, né?

O terceiro fenômeno, *falta de controle social e do Estado*, emergente dos depoimentos é relativo à falta de um controle (negligência) por parte do Estado e da Sociedade, que é vista como causa dos aniquilamentos, incluindo o dos ex-ferroviários. Esse eixo emergiu a partir das categorias que agruparam os depoimentos relativos à falta de conscientização popular para preservar o meio ambiente e a ferrovia, ação ineficiente do Estado, e pelo reconhecimento da dificuldade em definir meio ambiente.

Eu acho que está muita judiação... uma judiação... está uma judiação, e num é aquele lá o culpado não, somos nós mesmo que somos culpados... nós mesmo somo culpados, você sabe bem disso, é professora, sabe muito bem disso aí, é nós mesmo que estragamos isso aí... nós no sentido, no sentido, os homens estragaram muito, muito...

Porque a própria população, a própria população está acabando com aquilo que seria um bom ambiente, num é isso?...

... já acho que o governo devia tomar uma providência mais séria, porque eu vejo aquelas motosserras derrubando aqueles monstros daquelas árvores, me dá um aperto no coração, eu fico com dó...

Eu acho que foi 'desmanzelo' do governo né, acho que foi falha do governo, eles que acabaram com a ferrovia, infelizmente...

... quando eu aposentei, o meu salário era aquele lá, agora você soma o que a ferrovia paga e o INPS paga, se passa do limite que está ali, eles cortam aqui, pra ficar sempre naquele mesmo nível. E outra coisa, foram conversar com um governador lá para ele não descontar mais isso aí que, sabe o que ele respondeu pro deputado que foi lá? Que o estado num tem ferrovia... estado num tem ferrovia, e de fato num tem mesmo né? . (consequência da privatização)

Os três fenômenos que emergiram das induções sucessivas permitem a articulação da categoria central que pode ser expressa como: **Da Vida ao Aniquilamento: o controle social e do estado em defesa da vida.**

A análise mais detalhada dos fatores de promoção da vida e daqueles que levam ao aniquilamento, evidenciada na categoria central da análise efetuada com o uso da metodologia preconizada pela *grounded theory*, indica a existência de uma relação temporal nítida. Os fatores de vida são encontrados no passado ou referidos atemporalmente, enquanto os fatores de aniquilamento estão situados no presente e previsões futuras e a descúria social e do Estado se apresenta como processo continuado. Alguns depoimentos ilustram esse fato:

Era, a saúde era outra, né. Era mais forte a saúde...

... antigamente, na cidade, ninguém comprava uma laranja de caminhão, todo mundo tinha quintal...

Olha... olha no meu tempo, eu sempre gostava de caçar e pescar, a gente ia correr no mato, caçar, ia em rio pra pescar, tudo o mais...

Acho que tem que ser uma pessoa, não se preocupar com nada de mais, ser não puder fazer o bem pra uma pessoa, não fazer o mal. Andar sempre com a consciência tranquila...

Porque eu vejo aquelas motosserras...

A natureza, a natureza, está muito poluída...

Eu acho

Ah! Sim, eu acho uma judiação que estão fazendo, estão destruindo tudo, né?"

"... daqui há 10 anos, uma moça de 30 anos, ia (indo) pro hospital com 30 anos, é bem velhinha, já é bem velha, porque a natureza está muito, muito fracasada minha filha, a natureza está muito difícil, as

coisas estão muito difíceis, muita contaminação, em todos os sentidos ...

Uma das categorias que convergem para o fenômeno 'gerando vida', reportado pela maioria dos entrevistados, é o orgulho de ter sido ferroviário. Esse orgulho se assenta no fato de ser um dos melhores e desejados empregos da época, ser uma profissão seguida pelas gerações da família, ser conhecido e estimado, tendo prestígio com as mulheres (ser bom partido para casamento), por vestir-se bem. Esse orgulho, entretanto, é contraposto pelas agruras do trabalho na ferrovia.

Ah! Era até um orgulho ser ferroviário. Eu, eu gostava de ser ferroviário! Gostava mesmo, eu me sentia até orgulhoso de saí pra cidade aí, que eu era ferroviário, era moço, tudo, aquela coisarada...

... a turma falava: - você é ferroviário, ferroviário ganha bem, minha filha vai casar com o senhor... As moças queriam casar com ferroviário, hoje, se fala pra casar com ferroviário, não casa mais.

É, era obrigação minha, né. Desde pequeno, vivia apitando no sítio, queria ser maquinista. Desde criança. Depois eu fui, que eu falei da porcaria que eu fui escolher né... (risos). Sofri pra burro...

Sim, dormia 5 noites na minha cama só por mês, você vê! Eu ficava sem comer 24 horas e passava fome lá, trabalhava, vinha em casa e eu num vinha, ficava lá, as vezes passageiro atrasava, acidente, qualquer coisa, fez 24 horas, era comida azeda, sem dinheiro, comia aquilo..

... exaustor atrás da cabine, o compressor tudo barulho, tudo pé, pé, pé, pé, pé, era uma barulheira lá atrás, bá, bá, bá na cabeça da gente, viu?, a viagem inteira, compressor tocando, é... parava, depois tocava outra vez.

As mulheres, elas, quantas vezes de madrugada no fogão a lenha fazendo comida pra mim levar...

Discussão

A emergência da categoria central como sendo **Da Vida ao Aniquilamento: o controle social e do estado em defesa da vida** indica, em primeiro lugar, o poder heurístico do método empregado. De fato, esse poder é patente na constatação de que a categoria central confere uma coerência de sentido que unifica todos os

dados obtidos nos depoimentos dos entrevistados. Em outras palavras, pode-se dizer que a categoria central fornece o eixo fundamental do panorama representacional dos ferroviários aposentados que norteiam suas falas e ações enquanto membros de um contingente que vivencia o drama de serem ex-ferroviários idosos.

A categoria central encontrada, que também pode ser considerada a teoria fundamentada nos dados (*grounded theory*), parece ter validade inquestionável. Os ferroviários entrevistados são idosos que vivenciam a deterioração do próprio corpo, o sucateamento e o desaparecimento lento da Estrada de Ferro, que foi o espaço de transcurso da maior parte de suas vidas e a exclusão social generalizada de que os velhos sofrem em nossa sociedade. Aposentar-se no Brasil representa não somente estar fora do mercado de trabalho, mas ser excluído da sociedade, marginalizado, não se sentir mais pertencido pelos próprios pares, tornar-se improdutivo e, portanto, inapto para a sociedade capitalista (Carlos e col., 1999, Streck e Frison, 1999; Silva, 2004). Diante disso e associado à dificuldade econômica, pelo reduzido valor da aposentaria, muitos continuam trabalhando, para não se depararem com essa cruel e desumana realidade de exclusão social (Beger e Derntl, 2005). Para eles, a vida se tornou uma sucessão de perdas. A perda das coisas significativas gera todas as manifestações depressivas do luto, tais como tristeza, desolação, anedonia, que reduzem o tempo de vida (Hoshino, 2006). Penninx e colaboradores (1997) relatam até um possível “suicídio programado”, ou seja, idosos que não se sentem mais úteis acabam sendo influenciados por fatores psicológicos que podem aumentar a mortalidade: falta de suporte emocional e baixo domínio, ou seja, perda do controle sobre suas vidas. A capacidade de administrar sua vida parece representar um controle sobre ela. O registro de que oito ex-ferroviários de Botucatu se suicidaram após a privatização da Estrada de Ferro é um dado que confirma a desolação como produto central dos aniquilamentos vivenciados pelos ex-ferroviários. Se levarmos em conta que a nostalgia é um mecanismo de defesa que ameniza as agruras do presente, tal como postulam autores como Angerami-Canon e colaboradores (2001), pode-se dizer que a sua constatação nos ex-ferroviários confirma a desolação, pois esta pode provir do sofrimento. O descaso de nossos governantes e a cultura da vantagem individual imediata que leva à

falta de respeito pelo que é social são fatos sobejamente conhecidos e completam a fundamentação da validade da categoria central encontrada.

Uma das características da velhice é a hipervalorização do passado (Patrício, 1998). Esse fato fornece uma explicação para a constatação de que os fatores geradores de vida foram colocados no passado dos entrevistados deste estudo. A possibilidade de as lembranças atenuarem o sofrimento atual, como apontado acima, significa que essa valorização feita pelos idosos é, em sua essência, um mecanismo de defesa. A nostalgia implica na evocação dos momentos de prazer armazenados na memória, que precisam causar prazer, mesmo que residual, para atenuar o sofrimento presente. Está atualmente bem estabelecido que o prazer proporcionado pelos momentos de alegria ativa o sistema imunológico, protegendo o desenvolvimento de diferentes patologias, ao passo que a tristeza e a depressão inibem esse sistema facilitando diferentes problemas de saúde, tal como acontece no luto (Hoshino, 2006). A memória humana não é estática e modificações das informações armazenadas ao longo do tempo são fato reconhecido pelas neurociências (Kandell e col., 2000). Assim, este processo de hipervalorização pode ser considerado um mecanismo para reconstituir o prazer da reevocação mnemônica. A aceitação de que as memórias prazerosas do passado são parte de um mecanismo de defesa leva a considerar que o seu resultado é a preservação da vida, portanto, uma propriedade que contribui para a longevidade em sua última instância. Esse papel fundamental da memória dos idosos já foi apontado por Bosi (1987, p. XX) e Beauvoir (1990, p. 455) quando afirmam, respectivamente, “*eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças*” e que “Na verdade é o passado que nos sustenta. É através do que ele fez de nós que o conhecemos”, por esse aspecto de invadir o último território individual que pode dar sentido existencial aos idosos. Chauí (1987, p. XIX) aponta que a sociedade é opressora do idoso, pois “*destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros*”. De fato, a perda da memória da história individual é a perda do significado existencial e isso as torna sem importância, portanto, descartáveis.

Os dados obtidos indicam que, no caso dos ex-fer-

roviários, existe um aspecto que se sobrepõe adicionalmente à hipervalorização da memória das coisas passadas. Como mostrado nos resultados, o passado foi construído com o orgulho de ser ferroviário e esse orgulho, ainda preservado, foi decorrente das consequências imediatas da ocasião, tais como prestígio social, estabilidade e remuneração. Esse orgulho, como se viu, contrapunha-se às agruras do trabalho que, mesmo tendo sido árduas na época, são também lembradas hoje com hipervalorização, pois estão associadas ao vigor de suas juventudes. Esses dados mostram que o sentido da vida na época era o trabalho e nele estava o sentido da vida e a realização.

... e a gente batendo papo com eles, a gente vê que eles gostavam muito da ferrovia, por exemplo, gozado... um negócio meio místico, viu? Você não observou isso conversando com o pessoal? Gostam da ferrovia que é uma loucura, parece que a ferrovia é deles. Os ferroviários, eles eram muito satisfeitos, viu?...

Este ponto assume tons dramáticos no depoimento do ex-ferroviário, já aposentado, que até hoje vai todos os dias para a estação de passageiros, mesmo que ela esteja abandonada e deprecada:

Todo dia nesse horário eu estou aqui (Estação), quando for 11 horas peço o ônibus e vou embora pra casa. E volto à tarde (para a Estação)...

A constatação de que o sentido da vida estava centrado no trabalho leva a crer que as atividades da Estrada de Ferro desempenharam papel econômico fundamental no interior do Estado de São Paulo, o que ocorreu mais tarde, com a constatação de que houve desenvolvimento de praticamente todas as cidades servidas pela ferrovia e com o advento do transporte rodoviário.

A ferrovia é diferente da estrada de rodagem. A estrada de rodagem passa, mas não deixa rastro, a ferrovia deixou tudo... essa alta Sorocabana e o resto Paulista, tudo cresceram.

O Paraná foi se desenvolvendo graças à ferrovia, o norte do Paraná cresceu graças à ferrovia, é aquela madeira do Paraná, até que se pode vê ...

Tudo! Arroz, feijão, milho, soja, semente de girassol, é fazenda, ferragem, cimento, cal, né, era bastante, num era pouco não ...

Mandavam prá cá e a gente manda daqui prá lá, tinha a seção de bagagem de importação e exportação, depois seguia e mandava...

A apreensão desse fato permitiu revestir a vida do ferroviário com um novo significado que é o de ter participado de uma epopeia de grande importância socioeconômica.

... nós prestamos um serviço prá nação...

Essa resignificação do passado, feita pela maioria dos entrevistados, parece ser um dos fatores significativos da longevidade dos entrevistados. Sem dúvida, a preocupação com o significado da existência é preocupação humana universal (Zago, 1999) e a existência de correntes psicoterápicas, cuja ação central se baseia na construção do significado existencial, sustenta tal interpretação. Frankl, psiquiatra e um dos principais autores dessa linha de atuação, percebeu durante a sua vida de prisioneiro em campo de concentração que todas as pessoas que conseguiram manter-se vivas acreditavam que suas vidas tinham sentido, ou seja, alguma coisa além de si mesmos, embora ninguém mais soubesse que elas estavam vivas (Rosenberg, 1992). A corrente existencialista dentro da Filosofia também constata tal fato, como na clássica citação de Albert Camus:

Perder a vida é uma ninharia e terei coragem quando for preciso. Mas ver-se dissipar o sentido da vida, desaparecer nossa razão de existir, eis o insuportável. (apud Negreiros, 2003, p. 276.)

É interessante notar que o foco terapêutico das linhas ligadas à psicologia existencial se concentra primordialmente na ideia de busca do significado existencial cujo encontro se prevê acontecer no futuro. Apesar desse fato, o presente trabalho encontrou que o significado existencial, de caráter terapêutico, estava no passado. O primeiro caso sugere atender à construção de um projeto existencial, ao passo que o segundo implica apenas na resignificação dos dados vivenciais já consumados. Ao que tudo indica, esses fatos não parecem constituir discrepâncias. Antes de tudo, é preciso considerar que as neuroses podem ser vistas como decorrentes de uma falta de percepção, de um sentido, de um significado para a vida do indivíduo (Rosenberg, 1992). Portanto, quem procura a terapia é porque tem falta e precisa construir esse significado para poder ter paz existencial. Segundo

os ex-ferroviários entrevistados, eles já encontraram, têm a posse desse significado e estão usufruindo do seu poder terapêutico em forma de mais saúde, paz e longevidade. Isso significa que o mesmo deve acontecer com aqueles que ainda o procuram. Tal constatação indica que os programas de reinclusão dos idosos não precisam necessariamente objetivar a construção de novos significados para a vida. Basta verificar que a ressignificação das vivências do passado pode ser, muitas vezes, a única necessidade terapêutica ou ser uma etapa imprescindível do processo terapêutico para construir um novo significado existencial.

A aceitação de que a ressignificação existencial do passado é fator de longevidade humana leva, por fim, a inserir os achados em função das teorias a respeito da longevidade humana. A consideração de que as memórias e seus significados desempenham papéis importantes para a preservação dos idosos leva à busca de hipóteses nessa perspectiva. Dentre elas, é possível supor que a preservação de um contingente de pessoas que tiveram experiências socialmente importantes é funcionalmente adaptativa por garantir o conhecimento de um modo de sobrevivência possível, caso as inovações não se mostrem viáveis, ou seja, eles constituiriam uma reserva cognitiva (Scarmeas e Stern, 2003) ao nível supra-individual, de um modo de sobrevivência possível, já testado como viável. Nessa perspectiva, o atendimento do quesito de terem participado de atividades socialmente importantes para ingressarem no grupo de longevos está alicerçado no fato de que o significado existencial está na relação com o outro.

Referências

- ANGERAMI-CAMON, V. A. et al. *Depressão e psicossomática*. São Paulo: Thomson-Pioneira, 2001.
- BEAUVOIR S, D. E. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEGER, M. L. M.; DERNTL, A. M. Aposentados e livres... mas para quê? Os trabalhadores e a representação social da aposentadoria e do projeto de vida pessoal. *Revista Kairos*, v. 8, n. 2, p. 221-34, dez. 2005.
- BOCCHI S. C. M. *Movendo-se entre a liberdade e a reclusão: vivendo uma experiência de poucos* prazeres ao vir a ser um familiar cuidador de uma pessoa com AVC. 2001. 145 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2001.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz/Edusp, 1987.
- BURSZTYN, M. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In: BURSZTYN, M. (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 27-55.
- CARLOS, S. A. et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 1, p. 77-88, 1999.
- STRECK, C. F.; FRISON, T. B. Lembranças de velhos: o mundo do trabalho na infância. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 1, p. 103-18, 1999.
- CASSIANI, S. H. B.; CALIRI, M. H. L.; PELÁ, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latina-americana de Enfermagem*, v. 4, n. 3, p. 75-88, dez. 1996.
- CHARMAZ, K. The grounded theory method: an explication and interpretation. In: EMERSON, R.M. (ed.). *Contemporary field research*. Boston: Little, Brown, 1983. p.109-26.
- CHAUÍ, M. S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz/Edusp, 1987. p. xvii xxxii.
- COIMBRA, R. M. B. Mídia e produção de modos de existência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 1, p. 1-4, 2001.
- COOPER, E.L. Invertebrates can tell us something about senescence. *Aging Clinical and Experimental Research*, v. 6, p. 5-23, 1994.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine, 1967.
- GLASER, B.G. *Basics of grounded theory analysis: emergence vs forcing*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1992.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyolla, 1993.

- HAWKES, K. The grandmother effect. *Nature*, v. 428, p.128-9, 2004.
- HAWKES, K.; O'CONNELL, J.F.; BLURTON JONES, N.G. Hadza women's time allocation, offspring provisioning, and the evolution of long postmenopausal lifespans. *Current Anthropology*, v. 38, p. 551-7, 1997.
- HAWKES, K. et al. Grandmothering, menopause and the evolution of human life histories. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 95, p. 1336-9, 1998.
- HOSHINO, K. A perspectiva biológica do luto. In GUILHARD, H.J.; AGUIRRE, N.C. *Sobre comportamento e cognição*. Santo André: ESETec Ed. Assoc., 2006. p. 313-26.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000: características demográficas da população e dos domicílios (resultado do universo)*. Rio de Janeiro; 2000.
- KANDELL, F.R.; SCHWARTZ, J.H.; HESSELL, T.M. *Principles of neural sciences*. New York: McGraw-Hill, 2000.
- LAHDENPERA, M. et al. Fitness benefits of prolonged post-reproductive lifespan in women. *Nature*, v. 428, n. 6979, p.178-81, 2004.
- LEWIS, K. Human longevity: an evolutionary approach. *Mechanisms of Ageing and Development*, v. 109, p. 43-51, 1999.
- MAGALHÃES, D.N. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1987.
- MEDVEDEV, Z.A. An attempt at a rational classification of theories of aging. *Biological Reviews*, v. 65, p. 375-98, 1990.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; 1996.
- NEGREIROS, T. C. G. M. Espiritualidade: desejo de eternidade ou sinal de maturidade? *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 3, n. 2, p.275-91, 2003.
- NOGUEIRA, M. S. G. *Tecendo fios entre o discurso e a prática: o significado de ONG para seus profissionais*. 2005. 126 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- NUNES, A. T. G. L. Serviço social e universidade de terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. *Textos sobre o Envelhecimento*, v.3, n. 5, p.1-97, 2000.
- PATNAIK, B. K. Ageing in reptiles. *Gerontology*, v. 40, p. 200-20, 1994.
- PATRÍCIO, K. P. *Função adaptativa da longevidade induzida pela restrição alimentar: avaliação dos aspectos metodológicos envolvidos no estudo comparativo em idosos humanos*. 1998. 130 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 1998.
- PATRÍCIO, K. P. *Percorrendo os trilhos da ferrovia rumo às associações entre longevidade humana e fatores ambientais*. 2006. 309 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2006.
- PELUSO, E. T. P.; BARUZZI, M.; BLAY, S. L. A experiência de usuários do serviço público em psicoterapia de grupo: estudo qualitativo. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v.35, n. 4, p.341-8, 2001.
- PENNINX, B. W. et al. Effects of social support and personal coping resources on mortality in older age: the longitudinal aging study Amsterdam. *American Journal of Epidemiology*, v.146, p.510-9, 1997.
- QUEIROZ, Z. P. V. Participação popular na velhice: possibilidade real ou mera utopia? *O Mundo da Saúde*, v. 23, n. 4, p. 204-13, 1999.
- ROSENBERG, R. L. Envelhecimento e morte. In: Kovács, M. J. (coord.). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 59-90.
- SCARMEAS, N. e STERN, Y. Cognitive reserve and life-style. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, v. 25, p. 625-33, 2003.

SILVA, E. C. Velhice: análise crítica da construção da “categoria” e sua re-construção em relação ao tempo produtivo . *Revista Kairos*, v. 7, n. 2, p. 95-111, dez. 2004.

STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. 2. ed. California: Sage, 1998.

ZAGO, A. Sociedade de consumo e droga. *Revista Ciências Sociais e Humanas*, v. 11, n. 25, p. 93-102, 1999.

Recebido em: 28/03/2008

Reapresentado em: 08/09/2008

Aprovado em: 11/09/2008